

# O corpo adolescente feminino na obra de Jeanne Milde: sensualidade, erotismo, inocência e pureza

**Rita Lages Rodrigues**, Professora Escola de Belas Artes/Departamento de Artes Plásticas/ UFMG

O presente artigo aborda o corpo adolescente feminino nu na obra de Jeanne Louise Milde, escultora belga, formada na Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, que vem para o Brasil como integrante da Missão Pedagógica Europeia do Estado de Minas Gerais. Na cidade, atua como professora e artista. Chega ao Brasil imbuída de um projeto civilizacional, europeu, em direção a uma terra “onde havia tudo por fazer”. A reflexão apresentada parte de temporalidades expandidas a partir de artistas cuja formação se deu nos padrões acadêmicos do século XIX e que continuaram a produzir suas obras ao longo do século XX. A principal obra analisada é a escultura *As Adolescentes*, de 1937, em diálogo com outras obras de sua autoria e com o conservadorismo, o moralismo das terras mineiras, mas também com os ventos modernos que por lá sopravam.

**Palavras-chave:** Jeanne Louise Milde, adolescentes, corpo feminino, Belo Horizonte

\*

This article deals with the naked female adolescent body in the work of Jeanne Louise Milde, a Belgian sculptor. She graduated at the Royal Academy of Fine Arts in Brussels and came to Brazil as a member of the European Pedagogical Mission of the State of Minas Gerais. In the city, she acted as a teacher and an artist. She arrived in Brazil with a civilizational European view, towards a land “where there was everything to be done”. We present the idea of expanded temporalities, dealing with artists whose formation took place in the academic standards of the nineteenth century and who continued to produce their works throughout the twentieth century. The main work analyzed is the sculpture “As Adolescentes” - The teenagers girls, from 1937, in dialogue with other works of her own and with the conservatism, the moralism of Minas Gerais, dialoging with the modernity that existed in the state of Minas Gerais.

**Key words:** Jeanne Louise Milde, teenagers, feminine body, Belo Horizonte

## Jeanne Louise Milde

Em 1929 chegou ao Brasil, a escultora belga Jeanne Louise Milde, formada na Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, imbuída de propostas e visões de mundo da arte europeia acadêmica do XIX. Integrante da Missão Pedagógica Europeia, era responsável pelo campo das belas artes e artes aplicadas. Tornou-se, em Belo Horizonte, professora na Escola de Aperfeiçoamento e, posteriormente, no Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais. Vem imbuída de um projeto civilizacional, europeu, em direção a uma terra “onde havia tudo por fazer”. A partir de uma pergunta apontada pelas proponentes da sessão temática em que se inscreveu este trabalho: *Como as questões raciais e de gênero aparecem nas academias e estudos de nus?*, buscou-se refletir sobre a questão das temporalidades expandidas a partir de artistas cuja formação se deu nos padrões acadêmicos do século XIX e que continuaram a produzir suas obras ao longo do século XX e, principalmente, o estudo da temática do corpo nu feminino adolescente na arte. O que se definiria como arte brasileira a partir da proposição da sessão? A arte produzida por uma artista belga, naturalizada brasileira, em solo brasileiro, pode servir para tensionar determinadas definições, sobre a própria ideia de nacional e estrangeiro. Quais interpretações possíveis para o corpo nu adolescente feminino nas obras de Jeanne Milde?

*A obra Primavera da vida: sensualidade, erotismo, inocência e pureza, a sociedade Belorizontina e o diálogo com a literatura*

Em sua obra Primavera da Vida, exposta em 1930, figuras de adolescentes nuas já são objeto de um texto de crítica do jornal Diário de Minas:

“No primeiro, uma interessante composição cheia de graça e movimento, há um deslumbramento de formas moças nas figuras nuas das adolescentes que a compõem. E nessas formas não há sensualismo nem luxúria mas uma expressão de simplicidade e inocência, que tornam o grupo empolgante na sua movimentação rítmica de bailado ao ar livre.”

O crítico faz questão de afastar o “sensualismo” das figuras para um público que poderia interpretar de forma equivocada o nu adolescente feminino. A necessidade da negação já aponta a existência da possível interpretação que considerasse a sensualidade do corpo nu adolescente e questões relacionadas à erotização deste corpo.

Outra reportagem sobre a mesma exposição busca analisar a obra da artista, mostrando a forma de execução dessa e as características próprias da arte escultórica, mas sempre presa à retratação da realidade:

“[...]Um dos problemas que se torna muito complicado para o escultor é a da escolha do modelo; mais difícil que para o pintor, a quem o colorido é, sem dúvida, uma das principais preocupações.

[...] Para o escultor a forma torna-se o motivo essencial, porque na sua arte o que aparece, em primeiro de tudo, são as linhas. Essas influem decisivamente no todo, - não só no detalhe da figura, mas na estrutura da própria composição que deve estar baseada em perfeitas linhas de harmonia e de equilíbrio. E tão importante se torna esta exigência que os defeitos de modelado não chegam a influir decisivamente no julgamento de uma obra escultórica que se apresente com uma linha original e interessante, que possa ser considerada uma linha de beleza verdadeiramente marcante.

Neste particular a escultora Jeanne Milde aliou a graça de uma forma delicada e serena ao traço de linhas encantadoras.”<sup>1</sup>

No mesmo artigo, o crítico tece algumas considerações sobre as três obras expostas. O autor vai desenvolvendo sua crítica falando das obras e da técnica da artista. *Primavera da Vida*, conjunto escultórico de figuras femininas nuas, é assim descrita:

“Tudo nele é graça, vida e movimento; expressão, forma e delicadeza. Agita-o o ritmo da dança na desenvoltura de uma radiosa liberdade em plena natureza.

A obra de arte que produz essa impressão forte e duradoura que prende e fascina, é aquela que reúne todos os requisitos de técnica, de inspiração e de sentimento que caracterizam as obras mestras.

Em Primavera da vida palpitam os nervos e as veias dum verdadeiro artista de talento, que criou a sua obra nesses momentos admiráveis em que a inspiração diviniza a criatura humana, dando-lhe esse dom sobrenatural de produzir as obras superiores.

Primavera da vida é trabalho que deve ficar na Pinacoteca de Minas.”<sup>2</sup>

Outras obras da artista abordam o corpo adolescente nu ou nus de figuras mitológicas. As adolescentes, obra de 1937, em gesso, retrata duas figuras adolescentes nuas, do joelho para cima, em tamanho natural. Assim como a obra Iara, em madeira, sem data, retrata uma personagem da cultura indígena, com o corpo nu, mas os seios cobertos pelos cabelos, mostrando que, ao menos na temática, sua obra transformou-se no contato com a realidade brasileira.

Milde ministrava aulas de História da Arte com slides trazidos da Europa, slides com imagens das esculturas gregas antigas, nuas, que não passaram incólumes pelo moralismo da cidade, como no caso que relatou Maria Helena Oliveira Prates:

“Da entrevista com Mlle Milde, pode-se destacar uma ocasião em que o controle moral-religioso que se exercia através de pequenos atos é claramente detectado. Relata ela que, uma vez, ouvindo voz de homem na sua sala de aula, voltou-se e lá estava o diretor assistindo à aula. Isso por causa de slides que ela usava para ilustrar as aulas – slides de arte grega, arte clássica, nus. Por isso suas aulas foram “denunciadas”, ao que

---

<sup>1</sup> ESTADO DE MINAS, 25 abril 1930.

<sup>2</sup> ESTADO DE MINAS, 25 abril 1930.

ele viera, de súbito, para ver o que acontecia.”<sup>3</sup>

O corpo em tamanho natural de duas adolescentes. Nusas. O ano era 1930. A nudez era castigada e admirada. Simplicidade e inocência foram os adjetivos utilizados para caracterizar a obra em um artigo de jornal que falava sobre a exposição e as obras. Em uma sociedade marcada pelo conservadorismo, uma poeirópolis<sup>4</sup>, uma cidade onde havia tudo por fazer<sup>5</sup>, o que significava a exposição de dois corpos adolescentes femininos nus, esculpidos em gesso por uma professora de professoras primárias?

O ambiente conservador na cidade pode ser percebido a partir da obra *A República Decroly*, embora haja um contraponto a isso presente em um poema de autoria de Carlos Drummond de Andrade *As moças da Escola de Aperfeiçoamento*<sup>6</sup>. As duas obras foram analisadas em minha dissertação sobre a artista em função de versarem sobre a Escola de Aperfeiçoamento, local onde a artista Jeanne Louise Milde vai dar aulas de artes às professoras do Estado de Minas Gerais.

*As moças da Escola de Aperfeiçoamento*, poema de Drummond, mostra a reação dos jovens da cidade, incluindo o poeta, à invasão de Belo Horizonte pela moças que “vêm de Poços, de São João del Rei, Juiz de Fora, Lavras, Leopoldina, Itajubá, Montes Claros, cidades novas de minas...”

O poema aponta o choque promovido na sociedade pela presença de moças que não se encontravam mais “fechadas” em suas casas, e que passavam a fazer parte do cotidiano da cidade, vindo aprender novidades pedagógicas e transformando o ritmo da urbe. As moças traziam também a modernidade de outras terras:

“... E são assim tão modernas / tão chegadas de Paris / par le dernier bateau / Ancorado na Avenida / Afonso Pena ou Bahia, / Que a gente não as distingue / das melindrosas cariocas / em férias mineiras? / Que vêm fazer essas jovens?”<sup>7</sup>

As moças viriam perturbar o espírito dos rapazes, mostrar uma liberdade possível na existência feminina que contrastava com o conservadorismo que imperava nas casas das moças das famílias mineiras. É importante frisar que as moças aqui apontadas pertenciam às classes média e alta da cidade:

“Vêm para perturbar / se possível mais ainda / a precária paz de espírito /

<sup>3</sup> PRATES, Maria Helena Oliveira, op.cit. p. 132.

<sup>4</sup> JULIÃO, Leticia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). p.52-53. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *BH: Horizontes históricos*. 1997.

<sup>5</sup> A própria artista referiu-se a Belo Horizonte desta forma: Vim de um lugar onde estava tudo feito para um lugar onde havia tudo por fazer.

<sup>6</sup> Poema de Carlos Drummond de Andrade sobre as alunas da Escola de Aperfeiçoamento. Recorte do Jornal Estado de Minas, sem data, presente no acervo da artista doado ao Museu Mineiro.

<sup>7</sup> Idem.

dos estudantes vadios/ (eu, um deles) / que só querem declinar / os tempos irregulares/ de namorar e de amar? / Ai o mal que faz a Minas / a nós, pelo menos, frágeis, / irresponsáveis, dementes / cultivadores da aérea / flor feminina / fechada / em pétalas de reticência / a Escola novidadeira, / dita de aperfeiçoamento ”. <sup>8</sup>

O choque promovido pela presença destas moças era sentido no imaginário, no desejo dos rapazes, numa cidade moderna, ancorada, ao mesmo tempo, em uma sociedade burguesa que reservava à mulher o espaço do privado: “A gente não dava conta / de tanto impulso maluco / doridamente frustrado / ante a pétrea rigidez / dos domésticos presídios/ onde vivem clausuradas / as meninas de Belô...”<sup>9</sup>

Em seu livro *República Decroly*, Moacyr de Andrade apresenta a vida destas moças na capital. Ao contrário de Drummond, que aponta a transformação causada pela presença das garotas como parte da reação do ambiente conservador que imperava em Belo Horizonte na época, Moacyr Andrade vê a cidade como corruptora das pobres moças do interior que vinham para a capital. Trata-se de um livro irônico no qual o autor conta-nos a história de uma moça do interior de Minas Gerais, Zuleika, que vem para a capital estudar no Pedagogium (a Escola de Aperfeiçoamento). Zuleika vai morar na República Decroly (nome do pedagogo belga que influenciava a pedagogia adotada pela Escola) “*O cometa dissera, no hotel, que algumas moças do Pedagogium viviam na capital sozinhas em República como rapazes, inteiramente à solta...*”<sup>10</sup> Aqui fica clara a questão da liberdade permitida aos rapazes e o local reservado às mulheres: fora dos locais públicos e guardadas pela família. Moacyr Andrade denigre a imagem da Escola de Aperfeiçoamento, seja falando do pouco comprometimento das moças com o estudo<sup>11</sup>, seja insinuando a respeito dos altos salários pagos aos professores estrangeiros.<sup>12</sup>

Mas o choque cultural vinha também das professoras que foram fazer cursos nos Estados Unidos, como relata Esther Assunção: “do grupo brasileiro que foi aos Estados Unidos, era comum ouvir-se dizer que elas vieram com liberdades exageradas.”<sup>13</sup>

### **O corpo nu feminino representado e a mulher artista**

O significado de um corpo nu: por um lado, a tradição artística. Por outro, a eugenia vigente em princípios do século XX. No conservadorismo católico dos

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> ANDRADE, Moacyr. *República Decroly*. p.117..

<sup>11</sup> Ibidem. p. 132. “... com ela [a pobre Zuleika] apenas reduzido número de moças levava a sério o Pedagogium. Para as outras o Pedagogium era bem aquilo que o cometa palavroso e indiscreto dissera em Itacoatinga: - pretexto para as moças do interior virem namorar na capital.”

<sup>12</sup> Ibidem. p. 43. “E assim se inaugurava o Pedagogium, com professores notáveis e conhecidos mas de preços desconhecidos para o povo que pagava.” (p. 43).

<sup>13</sup> Depoimento de Esther Assunção a Maria Helena Oliveira Prates. Em PRATES, Maria Helena Oliveira, op. cit.

corpos, toda nudez a ser condenada, por outro lado, a admiração pela sociedade civilizada europeia. Acrescente-se a isto, o ideal do corpo nu, a perfeição de um corpo moldado a partir da ação humana. São múltiplos os significados.

Fundamental dizer tratar-se de um corpo nu de adolescentes mulheres, obra executada por uma mulher, Jeanne Louise Milde, que permaneceu solteira ao longo da vida. Quando deparei-me com o estudo para o mestrado sobre a artista, alguns participantes do meio artístico que com ela conviveram ou ouviram falar, manifestaram-se sobre sua vida privada: de amante de outro artista na cidade a relatos sobre sua preferência em relação aos relacionamentos entre mulheres, mais do que falar sobre o que de fato a movia, é interessante percebermos o imaginário em torno a uma artista, escultora, solteira, professora de artes para professoras em formação. Como este imaginário, décadas depois, permanece no relato oral das pessoas.

A artista refere-se ao nu em uma entrevista dada ao CRAV em 1996, comparando o que ela poderia fazer na Bélgica e o que ela não pode fazer e não teve coragem no Brasil:

Porque é só nu. Tudo é nu. Não se pode produzir na Bélgica uma coisa vestida, trajada tem que ser esse sagrado da beleza da natureza. Esse físico que corresponde inteiramente com a expressão dessa fisionomia. Isso nunca pude e ter coragem de fazer. Porque eu acho que essa desconfiança fazia perder o resultado do amor que eu tenho pelo país.

No entanto, como podemos perceber, ela realiza nus femininos, ainda que a recepção a eles seja sempre cuidadosa, marcada por discursos que saem em defesa do nu como algo inocente, como mostrado na reportagem citada anteriormente que se refere à obra Primavera da Vida. A beleza da natureza é frisada para ela como um valor presente nas representações do corpo que ela realizava. As suas mulheres nuas representavam esta potência do corpo nu, da natureza, vinculada ao naturismo, prática existente em alguns países europeus daquele momento e também à eugenia, que buscava mostrar a força do corpo e a ideologia do progresso que também dava-se na matéria humana, na carne, no corpo.

A referência ao nu do classicismo também faz-se necessária como essencial para a artista que reinsere esta referência em outro tempo, mas que mantém o volume de corpos vistos como perfeitos no momento de produção de sua obra. Em seus estudos na Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, onde realizara sua formação, as aulas eram dadas

Dos nus femininos presentes em sua produção, podemos destacar, além da Primavera da vida, um conjunto escultórico, e as Adolescentes, outras obras como Bailarina, 1928, Vers l'Avenir, s/d, A espera, em imagem de reportagem do Diário da Tarde 09 de abril de 1947, Expectativa, Volúpia Maternal, Iara, Sedução, exposta em 1943:

Sedução é um nu feminino, uma jovem de beleza sadia e vigorosa, em formas puras clássicas. Na carnção assinala-se agudeza de elaboração artística aliada ao requinte da perfeição anatômica, fato aliás digno de nota, uma vez que a imagem é concebida em plano reduzido.<sup>14</sup>

A escultura *As Adolescentes* estará presente em várias fotografias de reportagens na década de 1980. Uma das referências de Jeanne Milde é o escultor belga Georges Minne. Escultor belga e estudante da Real Academia de Belas Artes de Bruxelas, Georges Minne seria um “representante do simbolismo belga”, combinando “sensibilidade e tendência social”, realizando um “afastamento da realidade”, utilizando o expressionismo em algumas de suas obras. Em suas esculturas eram temáticas freqüentes: mãe e filho, adolescente. Possuía alguma influência do *Art Nouveau*, realizando posteriormente uma “simplificação da forma” e esculturas de pequeno tamanho. Destas características, a sensibilidade aliada à tendência social, o fato de ser representante do movimento simbolista, a influência do *Art Nouveau*, alguns traços expressionistas e também a simplificação das formas, são características dos trabalhos de Mlle. Milde.<sup>15</sup>

Alguns grupos de Minne como *Mère pleurant ses deux enfants* e *Le fils Prodigue* referem-se a Rodin tanto em suas formas como em seus temas. Contudo, mesmo se Minne inicia suas obras a partir de pesquisas anteriormente já realizadas por Rodin, “a força vital de Rodin é, entretanto, convertida em uma expressão de desespero, de abatimento e de encrespamento. É remarcável a liberdade que tem Minne a respeito das formas anatômicas.”<sup>16</sup>

Dentre os personagens criados por Minne, encontra-se *L’adolescent agenouillé*, que se contrasta com seus personagens angustiados anteriores, mostrando certa paz e graça: “as deformações e a vivacidade do modelo se unem a uma superfície abstrata de linhas e superfícies contornadas.”<sup>17</sup>

Uma das obras mais conhecidas de Jeanne Louise Milde é justamente *As Adolescentes* (figs. 1 e 2) sendo o tema o mesmo da obra do simbolista Minne. Tem uma simplicidade de formas, sem trazer, no entanto, as deformações presentes na obra do artista belga, mostrando-se, em certa medida, muito mais clássica em sua essência. Só que no trabalho de Milde estão representadas figuras femininas, enquanto a obra de Minne retrata um homem adolescente.

---

<sup>14</sup> GRIFFA, Agt e set 1943, p. 33.

<sup>15</sup> HOOZE, Robert. Antes da 1ª Guerra Mundial. *L’Art Moderne en Belgique*. p. 37-38.

<sup>16</sup> HOOZE, Robert. Antes da 1ª Guerra Mundial. *L’Art Moderne en Belgique*. p. 37.

<sup>17</sup> Ibidem. p. 38.





Fig.01. Jeanne Milde. Adolescentes. Modelagem em gesso. 94 x 62 x 16 cm. 1937. Acervo Museu Mineiro





Fig.02. Jeanne Milde. Adolescentes. Modelagem em gesso. 94 x 62 x 16 cm. 1937. Acervo Museu Mineiro

A obra de Jeanne Milde sofre transformações no momento em que ela se estabeleceu em terras brasileiras, na temática e na forma, com o seu caminhar rumo ao *Art Déco*. *Iara, Deusa do Amazonas* (fig. 03) mostram em que medida o ambiente que ela vivenciou no Brasil interferiu na vida da artista.



Fig. 03. Jeanne Milde. *Deusa do Amazonas*. Madeira. 116x 34,5x 32,5 cm. 1976. Acervo Museu Mineiro

Se a forma procurada é a europeia, o conteúdo passa a ser brasileiro, assim como o material utilizado na confecção das obras:

“Com mármore eu não trabalhava, só com madeira. Gostava da madeira porque senti que a madeira era a alma aqui, do lugar. Era um prazer imenso talhar madeira. Até mesmo este quarto (onde estamos) foi feito por mim, esse móvel foi feito com essa madeira de caixote. Eu quis mostrar que quem tem inteligência pode facilitar as coisas.”<sup>18</sup>

<sup>18</sup> SUPLEMENTO LITERÁRIO. n.º 60. Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. Junho 2000. Entrevista da artista concedida a Gastão Frota em 1997.

A indígena torna-se tema. Há a escolha por temas femininos nos anos 1970, a presença em outras terras possibilita novos temas, ainda que de forma exotizada, mítica. Entretanto, o nu destas obras encontra-se mais simplificado, as linhas sinuosas das adolescentes dão lugar a volumes com menos cintura, menos seios e com formas simplificadas. O corpo nu na representação da artista não é mais o mesmo, nem tampouco a matéria escolhida para suas obras, a madeira apresenta-se como matéria predominante. O trabalho na madeira não permite o resultado com as mesmas formas que o gesso. No entanto, trata-se de uma escolha da artista pela madeira, ciente, com certeza, dos efeitos que a matéria proporciona na forma final.

Jeanne Louise Milde, mulher do século XX, percorreu quase todo o século, de 1900 a 1997, viveu entre dois mundos e teve como tema de várias obras o corpo nu feminino. A intencionalidade da artista ao retratar o corpo adolescente feminino nu é de quase impossível apreensão. Entretanto, o cuidado na execução, a escolha recorrente pelo corpo nu feminino, que remete tanto à tradição clássica, quanto à perfeição buscada pela eugenia nas primeiras décadas do século XX. É marcante a diferença no momento em que a artista debruça-se sobre as temáticas brasileiras. O corpo nu da indígena ou dos mitos indígenas, cuja matéria é a madeira, é retratado de forma simplificada e com percepção distinta da força do corpo. O corpo das adolescentes traz a força presente na representação dos corpos de operários dos anos 1930 e de um neoclassicismo representativo desta potência. A força dos corpos indígenas retratados nos anos 1970 aproxima-os da natureza, a Deusa do Amazonas forma um único bloco com as folhagens que se encontram na base. A madeira não permite a mesma maleabilidade do gesso e do bronze, mas é escolha consciente da artista para obter o efeito desejado.

### Referências Bibliográficas

ANDRADE, Moacyr. *República Decroly*. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1935.

ÁVILA, Cristina (e outros). Milde, A escultura do sensível. In: *Jeanne Milde, Zina Aita 90 anos*. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 1991.

HOOZE, Robert (org). *L'Art Moderne en Belgique*. Anvers: Fonds Mercator, 1992.

JULIÃO, Leticia. Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920). p.52-53. In: DUTRA, Eliana Regina de Freitas. *BH: Horizontes históricos*. 1997.

NOVAES, Adauto. *Libertinos e Libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PRATES, Maria Helena Oliveira. *A Introdução Oficial do Movimento de Escola Nova no Ensino Público de Minas Gerais. A Escola de Aperfeiçoamento*. UFMG,

FAE, 1989. (Dissertação de mestrado)

READ, Herbert. *La escultura moderna*. Barcelona: Ediciones Destino, 1998.

RODRIGUES, Rita Lages. *Entre Bruxelas e Belo Horizonte: Itinerários da escultora Jeanne Louise Milde*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

ZANINI, Walter. *Tendências da Escultura Moderna*. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.